

CINE-JORNAL

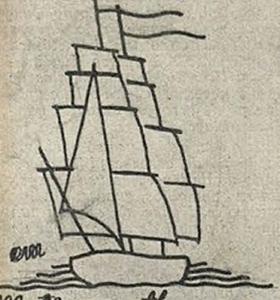
ANO I - N.º 32 — 25 DE MAIO DE 1936

DIRECTOR: FERNANDO FRAGOSO

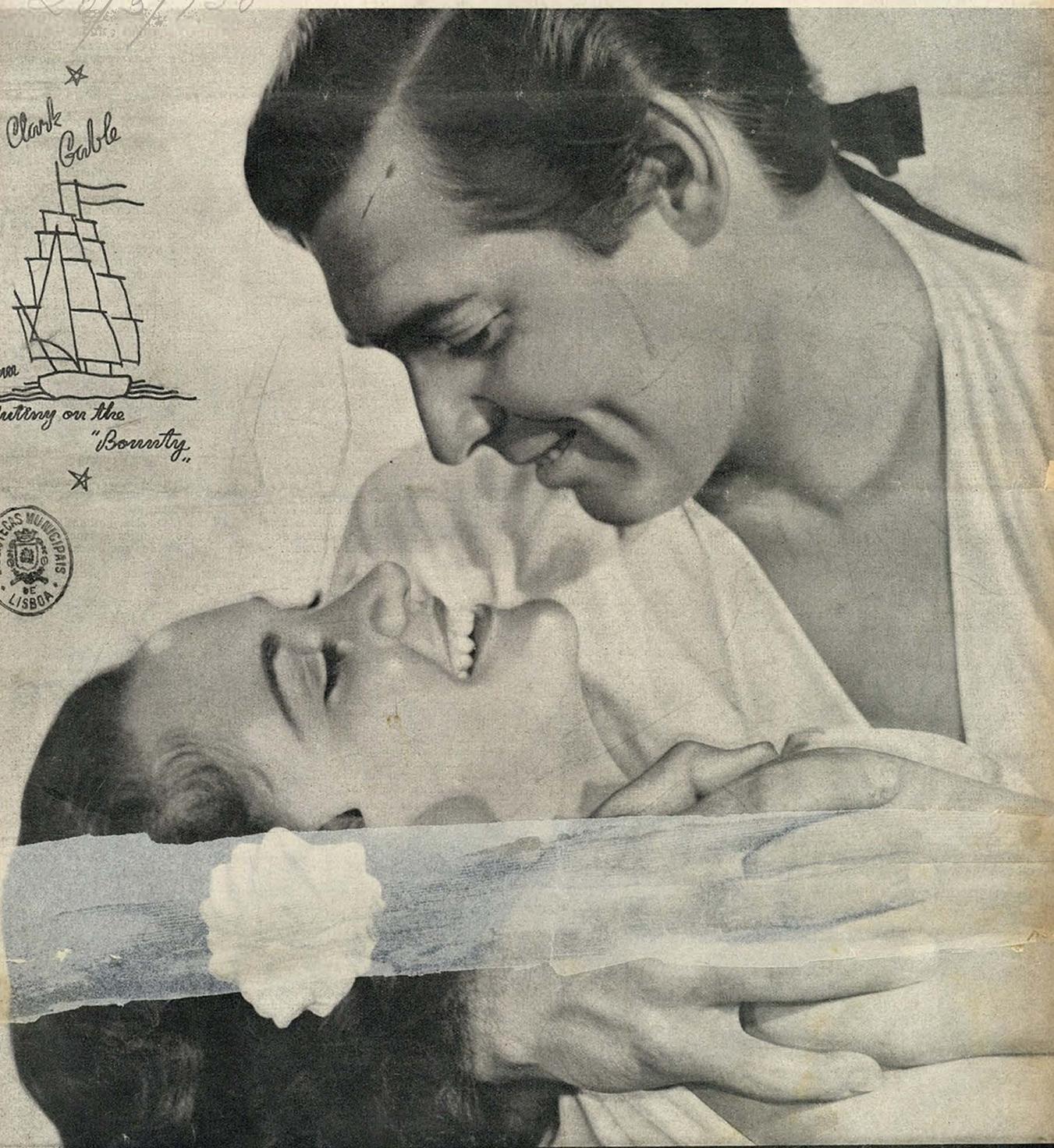
16 PÁGINAS — PREÇO 1\$

26/3/936

★
Clark
Gable



★
Waiting on the
"Bounty".



Neste número: Carola Höhn entrevistada, em Berlim, por "Cine-Jorna



Norma Shearer aprecia um dos cenários da seu novo filme «Rameu e Julieta»

A correspondência das vedetas de cinema

A correspondência dos admiradores das estrélas, em virtude do grande aumento que sofreu nesses últimos anos, fez com que se criasse uma nova profissão dentro da indústria do Cinema. Sabe: lidar com o dilúvio de cartas, com a indispensável presteza, tornou-se um sério problema nos estúdios.

— Apesar da maior parte das estrélas terem um secretário para responder às cartas dos admiradores — Nelson Eddy tem dois secretários, devido à grande quantidade de cartas que recebe ultimamente — os estúdios empregam um corpo de secretários, para atender a este trabalho exaustivo. Miss Edith Farrell, que tem a seu cargo o departamento da correspondência, recebe milhares e milhares de cartas, por dia, que são entregues imediatamente aos destinatários.

— Há alguns anos, disse Miss Farrell, a maior parte das cartas dos admiradores eram redigidas assim: «O sr. é um esplêndido actor (ou actriz). Queira enviar-me o seu retrato. Actualmente, o público mostra mais interesse pelo trabalho dos seus ídolos e as suas cartas têm um interesse especial não só para os actores, mas para os próprios estúdios.

«Por exemplo — Joan Crawford recebe cartas de elogios e críticas das mesmas pessoas, há vários anos! Joan recebe com prazer todas as críticas bem intencionadas e todas as vezes que se estreiam os seus filmes, espera com interesse os comentários do admirador, res, que nunca deixam de lhe chegar.»

«Por sua vez», continuou miss Farrell, «Joan responde-se com todos eles, e

estima-os, a-pesar-de não os conhecer pessoalmente. Além disso, escreve uma vez por mês a todos os Clubes Joan Crawford».

A secretária de Norma Shearer, Sadie Coons, está sempre sepultada entre montões de cartas.

«Miss Shearer recebe milhares de cartas de lódas as partes do mando. Muitas delas são de criadores de modas ou de modistas. Além disso, chegam cartas de mulheres de lódas as classes e profissões que lhe escrevem para lhe pedir descrições dos trajes, cores, material ou desenhos, com que aparece nos seus filmes», declarou Miss Coons.

«Recentemente, quando Norma Shearer foi escolhida para o papel de Julieta e os estúdios anunciaram a intenção de procurar o perfeito Romeu, os admiradores de Norma levantaram-se em massa e inundaram a estréla com milhares de retratos do «perfeito Romeu!»

A carta mais original, dirigida a uma estréla do cinema, foi a que recebeu Jean Harlow recentemente, quando trabalhava no filme «Wife Vs. Secretary», conforme relatou o seu secretário, George Webb. A carta em questão condenava-se num disco fonográfico.

Myrna Loy nunca deixa de ler cada uma das cartas que recebe.

Robert Montgomery toma também um grande interesse pelas cartas dos seus admiradores, conforme declara a sua secretária, Beatrice Halstead: «Não se deita uma carta fóra, lódas são lidas e respondidas».

Mas nem lódas as cartas se referem aos filmes nos quais as estrélas aparecem.

Quando Robert Taylor anunciou a

sua intenção de construir uma casa de campo, recebeu perús, pombos, galinhas e muitas outras espécies de animais, de admiradores-fazendeiros!»

Greta Garbo, recebe diariamente, por via aérea, uma carta registada, dum admirador que desconhece.

Aos estúdios, chegam, com frequência, cartas que têm uma fotografia das vedetas a que se destinam, colada no envelope, como único endereço.

William Powell recebeu muitas cartas que traziam no envelope, apenas algumas cenas da película «O Homem Sombra», cortadas de revistas e jornais!

O FILME EM RELÉVO, APRESENTADO POR LUMIÈRE, DEIXA MUITO A DESEJARAR...

Quando foi apresentado, há dias, entre nós, a tentativa do cinema em relévo *Audiscópicos*, houve críticos que aindam a comédia de Lumière, em relévo também, e intitulada *L'ami de Monsieur*, como se a mesma constituisse já um passo em frente, em relação ao filme apresentado.

Verificámos, afinal, que a própria crítica francesa — que defende, sempre, a outrance, a produção nacional — é a primeira a reconhecer que o novo filme de Lumière não traz nada de novo. Odile Cambier, no *Cinémoude*, crítica o filme, numa notícia intitulada «Le relief mal servi...», e, depois de dizer que o espectador se tem que murmurar uns óculos, azuis e verdes, afirma que «o relévo é menos sensível neste filme do que no pequeno repertório de experiências exibido na semana anterior no Olympia», ou sejam os *Audiscópicos*. Há duas imagens flagrantes apenas: «a descida dum escada e o quadro dum cubaré nocturno, no qual as serpentinae parecem descer d' o alto da sala sobre a tela».

Quanto às cores dos óculos, escreve: «As cores dos vidros das lunetas, que o espectador é convidado a pôr sobre o nariz, e a devolver à saída, são o azul e um verde esverdeado, em lugar dum encarnado e verde. Mas continuam a cansar extremamente. Meia hora de projecção deixam-nos esgotados».

O processo do novo filme de Lumière continua a ser o mesmo das anafilés.



Um admirável friso de «girls»... e de galgos

NÃO há nada melhor para a pele do que o óleo mineral puro.

Pelo menos foi esta a descoberta de Madge Evans, a simpática estrelinha que temos visto em tantos filmes.

«O óleo mineral é a base de todos os bons cremes», explica Madge Evans. «Quando vim a saber deste facto, resolvi experimentar o óleo mineral puro, para tirar a «maquillage», depois do trabalho nos estúdios. O rosto fica suave e, pessoalmente, sinto que a minha pele tem melhorado muito, desde que principiei o tratamento».

«O processo é muito simples. Primeiro, molho um pedaço de algodão no óleo e esfrego-o cuidadosamente, por todo o rosto. Deixo-o ficar pelo menos, por cinco minutos, e, depois, lino-o com outro pedaço de algodão seco. Em seguida, lavo o rosto com água e sabão. Depois de lavá-lo bem, para tirar o sabão, lavo-o novamente, desta vez com água limpa e bem fria.

«Repito o tratamento de óleo mineral pela manhã, assim como o da lavagem do rosto com água e sabão. Em vez de água fria, aplico um bom tónico para a pele, que seja fresco e estimulante, para tirar todos os vestígios de óleo. Isto é necessário para a leve aplicação de pó de arroz ou de outra qualquer «maquillage».

Durante o dia, Madge usa só uma leve camada de pó de arroz e pinta os lábios muito ao de leve. Não usa «rouges» nem «batons» nos olhos, quando sai.

Para a noite, Madge acrescenta um leve toque de pincel de sombra, cor de violeta, nos olhos, e muito pouco «rouges».

«Como vêem, as nossas queridas leitoras, não precisam de gastar muito para ter uma pele bonita e bem tratada».

QUESTÃO DE SOTAQUE

Para o filme *Every on dance*, que está realizando, Charles Reisner — que foi, outrora, um dos melhores colaboradores de Charlot — necessitava duma rapariga, que tivesse a «pronúncia tipicamente yankee».

Nesse sentido, mandou pôr um anúncio nos jornais, que levou aos estúdios uma boa centena de candidatas, cheias de fé no seu sotaque.

Desde o princípio, Reisner distinguia miss Billie de La Volta.

«V. tem, na realidade, o sotaque de Alabama! É impossível encontrar melhor!».

Afinal, miss Billie nascera em Birmingham, em pleno coração da velha Inglaterra. Estudara num colégio francês de Neuilly, onde era a única anglo-saxónica. Chegara aos Estados Unidos dias antes de ler o anúncio!

Tudo isto, porém, não destruiu a impressão que causou em Reisner. E Billie, com 19 anos apenas, assinou um contrato excelente — ótimo, se atendermos à crise... — um contrato capaz de fazer inveja a muitas estrélas.

No entanto, algumas concorrentes invejosas, afirmam que foram certos olhares e certos sorrisos de Billie, que impressionaram o realizador, mais e bem mais do que o seu famoso sotaque «yankee»...

UMA HOMENAGEM A LILY PONS

Uma comunidade americana, nos arredores de Frederickburg, Maryland, que é um dos maiores centros cultivadores de menafuros, nos U. S. A., adoptou o nome de «Lilypons», o que foi sancionado pelo Congresso.

A célebre artista-cantora francesa ficou tão sensibilizada com a homenagem, que resolveu visitar aquela cidade, logo que os seus trabalhos nos estúdios o permitam.

O culto da culinária em Hollywood

Um dos lados mais agradáveis da vida conjugal é, sem dúvida, a arte com que a nossa mulher nos apresenta bons petiscos. Mal vai o casal em que a sopa, ao jantar, aparece salgada, queimada ou pelo menos igualada. Succede-se sempre qualquer coisa de trágico. Das duas uma: ou é o ano diz nada e vinga-se, comendo uma boa ceia em qualquer restaurante, ou então protesta, ela chora e abre-se o caminho das grandes resoluções.

Por isso, é encantadora a mulherzinha que, ao chegarmos para o repasto género «língua de fora», nos exhibe um daqueles pratos em que nada há a «comer» e apenas comer com prazer e epetito, se possível.

Tudo sorri então ao conjuge e uma atmosfera de mútuo entendimento, de compreensão, desenhas-se afável, terna e doce. Vive-se, embora sem se ser glútilo, momentos extraordinários e, quando numa roda de amigos se fala em manjares, pode afirmar-se, com segurança: «Lá nisso, a minha mulher é um ás!»

Vários filósofos especializados em questões maritais ligam até à ideia de petiscos apresentados a primor a noção de calma doméstica, de paz e de harmonia.

Digo-lhes ainda: uma boa mesa tem gerado amores longos e duradouros, mais fortes, mais terríveis, mais apaixonados, que os tradicionais de Iloisa e Abelardo, Paulo e Virgínia, soror Mariana e o cavaleiro de Chamilly.

Não era Luiz XIV louco pelos azeites que a austera madame Pompadour lhe preparava, regados com autêntico Champagne das caves do Rei Sol? E quantos homens célebres houve, cujas mulheres contribuíram enormemente para a sua boa disposição intelectual,

proporcionando-lhes excelentes fricassés, assados e guisados?

Pois bem, Hollywood não escapa a esta regra. Apesar da vida fatigante que o estúdio exige às «estrelas», algumas cuidam de se tornar mestras no ofício de cozinhar. Não é Marlène Dietrich uma estupefada cozinheira, embora o seu «sex-appeal» e o seu ar distante tudo sugerirem acérra da sua personalidade, menos uma acceitual tendência para os refofos e outros «misteriosos» preparativos culinários?

Deve ser adorável a vaporosidade com que a protagonista do «Anjo Azul» misturará a cebola, o louro, o ulho e manieira, base de determinados pratos...

É Luiza Rainer, a «estrela» vienense, cujo êxito em Hollywood tem sido vulgar, não é igualmente uma cozinheira de gosto apuradíssimo? Delira pelas iguarias complicadas. O seu passatempo favorito é a cozinha, aquela casa que algumas senhoras classificam de «outros onde se não deve pôr os pés» e outras de «paratizo ideais».

Luiza Rainer acaba de publicar um livro intitulado «Conselhos às donas de casa», o qual contém as receitas dos pratos vienenses que mais aprecia, alguns de sua invenção. O sucesso de livraria tem sido ínico.

Dezenas de americanas precipitam-se, com avides, sobre aqueles preciosos segredos e nelas procuram a varinha de condão que lhes devolverá os maridos mais apaixonados do que nunca.

Eis, como, até mesmo na metrópole do cinema, há a preocupação de se procurar, através de uma mesa apetitosa e duma culinária dedicada, a harmonia do lar e a plena realização do «Home, sweet Home». Com vista às cinefilas casadas... OPERADOR N.º 13

QUESTÃO DE TÍTULO E DE «HAPPY-END»

A deliciosa Simone Vaudry gosta de educar o espirito, vendo espectáculos sérios. E o seu fiel apaixonado, sabedor dos seus gostos, resolveu levá-la, noutro dia, ao Teatro, ver a peça *La Passion*, que interessava, de momento, *Tout Paris*.

— «La Passion»?!... deve ser picante, volveu ela, interessada.

— Não filha!... Isso sim! Não confundas! É qualquer coisa de transcendente e de sublime! É a vida de Cristo!

Simone Vaudry olhou-o. De facto, devia valer a pena lá ir. Parecia sinceramente convencida. Mas após uma ligeira hesitação, não resistiu:

— Olha?!... Ao menos acaba bem?...

Um canário amestrado, vedeta do cinema

«Buzzie» é o único canário amestrado de todo o mundo e trabalha ante a câmara, a tróco de 180 dólares semanais, que o seu «dresseur» e dono arreeada. Aparecerá no filme *The Farmer in the Dell*, que Fred Stone interpreta.

O canário em questão, canta quando o mandam cantar; poisa no ombro das pessoas que o chamam pelo seu nome; entra e sai da gaiola, à vontade do dono.

Curley Twiford, que é o feliz possuidor de «Buzzie», conseguiu ensiná-lo a voltar à gaiola, prendendo, nas grades da mesma, cerejas, de que ele é extremamente goloso.

No filme *The farmer in The dell*, Buzzie actua, como vedeta, através de todo o filme.

O rato Mickey vale uma fortuna!

Mickey Mouse, a mais popular das vedetas da tela, foi objecto, recentemente, duma das maiores transacções feitas no mundo cinematográfico. Com efeito, Disney, o talentoso criador da série «Mickey» e das «Silly Simphonies» assinou com a R. K. O. um contrato, segundo o qual, de futuro, todos os seus filmes serão distribuídos por aquela firma.

O contrato foi feito por determinado período, que se conserva ainda secreto. No entanto, sabe-se que, durante esse tempo, os filmes de Disney devem dar 5 milhões de libras, de receita bruta. Disney e a sua equipa ganham 120 mil libras por ano e desembolsam cerca de 3.000 libras de salários, por semana.

Walt Disney vai iniciar, dentro em breve, o seu primeiro desenho animado de grande metragem, *Snow White and The Dwarfs*, a célebre história da «Branca de Neve», que todas as crianças conhecem.



Robert Montgomery e Myrna Loy, no filme «O Perseguidor de Soissons», de que são protagonistas



Eddie Cantor, no seu novo filme «Strike me pink»



Jean Artur dá lições de ginmástico com o seu professor de educação física

O PROBLEMA DOS FILMES A CÔRES OU AS ARRELIAS DUM REALIZADOR

É terrível na verdade! O cinema a côres revolucionou, por completo, todos os princípios assentes da caracterização. O filme policromo não admite certas liberdades hoje em voga. É preciso enfrentar a câmara com a cara que Deus nos deu, sem pinturas e outros artificios. Mas mesmo assim surgem inconvenientes, como por exemplo no caso do actor ser anémico ou sanguíneo...

Durante as filmagens de *La Terre qui meurt* houve um actor que sofreu tratos de polé, para desempenhar até o fim o seu papel. Com efeito, não podia suportar, sem cóar extraordinariamente,

o calor dos *sunlights*, o que não admira se soberbmos que o filme colorido exige uma iluminação intensíssima.

Todas as vezes que entrava no *plateau*, o pobre rapaz começava a suar e ficava vermelho como um camarão cozido.

Tornava-se necessário suspender as filmagens, para o actor em questão entrar na normalidade...circulatória.

O realizador impacientava-se:

— Vá até lá fóra. Tome ar...

Mas, logo que regressava, o desgraçado tomava-se escarlate.

Finalmente o realizador, tomou uma decisão napoleónica:

— Dêem-lhe um escalda-pés de mortarda.

Após meia-hora de imersão, o actor pôde regressar ao *plateau* e concluiu a cena sem prejudicar a harmonia do colorido.



Maureen O'Sullivan, numa loja de brinquedos, faz uma provisão de coelhos...



Frank Albertson tira um «argueira» dum dos olhos de Mary Carlisle, que, na realidade, parece um bocado afilto



Johnny Weissmuller, no seu iate, inicia um cruzeiro de férias, nas águas azues e tranqüilas da Califórnia



Jackie Coogan parece um bacado ensarilhado, ao montar um filme que é fotografou

TOMÁS ALCAIDE

o primeiro artista português contratado para Hollywood, chegou a Lisboa!

TOMAZ Alcaide, o único artista português de cinema com categoria internacional, o primeiro que Hollywood disputou, e que contratou como «grand vedette» — está em Lisboa, pois não quis abandonar a Europa pela América, sem visitar a sua Pátria, que não esqueceu, nem renegou. *Cine-Jornal* que tem acompanhado, com o maior interesse, a carreira cinematográfica do nosso compatriota — e nem doutra forma podia ser, pois, de contrário trairia a sua própria missão — não pode deixar de acolher com a maior alegria o famoso artista, que, depois de erguer o nome de Portugal nos palcos estrangeiros se prepara para o apregoar nas telas do mundo inteiro.

A vinda de Tomaz Alcaide deu-nos ainda a satisfação de ouvir da boca do próprio artista o relato dos factos que originaram o seu contrato de três anos com a Metro-Goldwyn-Mayer, a prestígio americana — contrato esse inédito ainda no meio artístico nacional, e ao qual demos o relvê que se impunha — embora corrêsemos o risco de muitas pessoas suporem que se tratava dum truque publicitário, dada a circunstância das «démarches» preparatórias haverem coincido com o período de tempo que precedeu a sua apresentação em Lisboa.

Portugal tem finalmente um artista português na constelação do cinema americano — e isso é que importa destacar.

«Bravo! Temos um Robert Taylor português!»

Tomaz Alcaide teve na «gare» do Rossio uma recepção verdadeiramente calorosa. Dezenas e dezenas de pessoas ali o foram esperar, apresentar as boas vindas, matar saudades!... Tomaz Alcaide, com o comboio ainda em andamento, saltou para a roda dos seus amigos, que o cercaram.

Passados os primeiros momentos de emoção, e justamente no instante em que Alcaide abraçava sua mãe, rompeu, espontânea, a primeira ovação. As palmas reboaram, e contagiaram todos os que ali estavam casualmente, e que se associaram assim à primeira manifestação que os portugueses prodigalizaram ao seu representante em Hollywood. Por três vezes, as palmas se ouviram, entusiásticas e calorosas.

O gerente da Metro-Goldwyn-Mayer em Lisboa, o sr. Lazare Léon, vivamente interessado por conhecer pessoalmente o nosso compatriota, não pôde calar uma exclamação entusiástica, ao vê-lo:

«Bravo! Temos um Robert Taylor português!»

De facto, todos foram unânimes em concordar que Tomaz Alcaide se assemelha, na maneira de ser, no físico e no sorriso, ao galã da *Parada Maravilhosa de 1936*, que tanto interessou as ci-



Tomaz Alcaide com algumas das pessoas que o foram esperar à estação. No primeiro plano, a partir do esquerdo: os srs. Luiz Arondo, engenheiro José Costelo Branco, Lazare Léon, Cruz e Sousa, Alcaide, João O. Ramos, F. Frogoso e ten. Diogo Ferreira

Intervalo

«Les portugais sont toujours...»

QUE já não há alegria em Portugal: que o bom humor nacional morreu com a última tipóia e a derradeira cançoncista espanhola (a de buço e formas gordas, como nas litografias de pensão) é um pensar penoso dum geração que já viveu e deflnha no crepisculo das recordações da mocidade...

É sina meridional este «passadismo» nostálgico com forma na letra dos fados e nas expressões fisionómicas de quem quer envelhecer voluntariamente: «no meu tempo»...

São simultaneamente comprometedores e paradoxais estes comparsas dum cidade iriada de colorido, mneineira e assoalhada que é, sem fraseado à turismo, esta Lisboa-presépio.

Não me lembro agora quem dizia que os meridionais tinham muito o gesto de levar a palma da mão à testa [fazendo-a escorregar pelo rosto como que afastando teias de aranha]...

Representa uma falta de higiene moral a obstinação destes espiritos ensombreados, doentes da alegria.

Ficamos a pensar nisto, perante o optimismo e alegria desse rir em loiro dos americanos, uma espécie de riqueza natural que lhes muito industrialmente exportam em latas (como a gazolina), para os nossos cinemas. Essa superficialidade e ingenuidade humorística que criou uma maneira de ser muito do «estilo americano», embora com características dum povo-criança (sem uma civilização, portanto, o que pressupõe falta dum tradição mental, herança histórica feita da sobreposição de tradições, o que não é aquilado pela riqueza material, ou seja o dilema: espírito e máquina), essa boa disposição, como ia a dizer, embora característica dum povo-infantil — apetece-me chamar-lhe novo-rico — tem um sabor a arte da vida!

O cinema francês, mais intelectual, e mais imperfeito do que o americano (cá estão outra vez: os antipodos espírito e máquina), também é envolvido dessa ginástica da alegria.

Estou a recordar a figura meã e rotunda, sangüineamente alegre, de Georges Milton, que também dá pelo nome de «Bouboule». Este homem, a-pesar-dos seus quarenta e tantos anos, soube comunicar-nos o sadio optimismo desprendido dos seus olhos, dos menciões, das canções, numa estranha alquimia de transfigurador de almas.

Lembro-me dos momentos que privei com ele, e em que o seu sorriso, um sorriso que não era publicidade, mas era mesmo assim, iluminava a vivacidade da sua conversa.

Este actor deve ser dos que fora da cena, mais se parecem consigo mesmo. Tanto assim que, quando estabeleceram a apresentação, tinha a impressão que já o conhecia, e mal contidamente resisti a formular a saudação com muita intimidade e muito solicitude: «Ora viva!». Se até a casaca era a mesma das primeiras cenas do «Rei dos Nudistas!»

O riso de «Bouboule», a melhor «maquillage» dos seus quarenta anos, contagiou um público delirante nas escassas noites do Carnaval. A falsa «pastine» de constrangimento, tinha deixado transparecer o bom humor português, latente quasi sempre no receio de «dar nas vistas», de «parecer» mal, de não «ser bem», como agora se diz. Milton partira de cá com a impressão, disse-me assim mesmo, que o público de Lisboa era o mais culto do mundo, e que «les portugais sont toujours gais».

Na verdade, nem sempre é assim, devido a um snobismo e a essa mania do sadosismo das tipóias, e outras coisas velhas.

GUALTER CARDOSO.

néfilas portuguesas. E Myr Chouat, no *Jour*, escreveu também que Tomaz Alcaide pertence ao número daqueles artistas «com que as espectadoras ficam a sonhar muito tempo depois do pano descer»!...

Hollywood descobre Portugal!

Tomaz Alcaide contou-nos depois, com os pormenores que se impunham, as circunstâncias e os factos que originaram o seu contrato: a Paramount tinha Jean Kiepurá; a Fox, Nino Martini. A Metro procurava descobrir, em todo o mundo, um tenor ligeiro, que pudesse pôr a par daquelas figuras.

A sua actuação no *Disco 413*, muito embora o filme, à data, não houvesse sido ainda apresentado, contribuiu para o facto. Começou logo a correr a fama de que estava ali um filão a explorar. Mas a sua apresentação na Ópera Cómica decidiu tudo. Mr. Lawrence, um dos magnates da Metro, assistiu às apresentações da *Tosca* e da *Bohème*. No dia seguinte, Alcaide assinava um contrato provisório. Uma semana depois, após as provas feitas em Londres, assinava o definitivo: três anos nos estúdios da Metro, em Hollywood, com aumento de salário, de seis em seis meses — e com a certeza, de antemão assegurada, de só interpretar papéis de relvê.

E aqui têm como Hollywood, descobrindo Tomaz Alcaide — descobriu Portugal!...

«Um tenor 100 % cinematográfico!»

Alcaide é um artista lírico, por excelência. Mas confessa-se entusiasmado com a perspectiva cinematográfica que tem à sua frente. Nos dois filmes que interpretou — *Disco 413*, com Gitta Alpar, e *Le Grand Refrain*, com Fernand Gravey — limitou-se a cantar, quasi sempre. Mas a atmosfera dos estúdios seduziu-o — e, agora, não pensa noutra coisa!

Miss Rosen, secretária da Metro-Goldwyn-Mayer, em Paris, habituada a atender os mil e um candidatos que pretendem um contrato, distinguiu Alcaide, desde o primeiro instante: «É um tenor 100 % cinematográfico», disse. E a sua definição, de facto, é completa e sem exageros.

Tomaz Alcaide está lançado. Um artista, com a sua classe internacional, que interpreta dois filmes em França, que parte, de avião para Londres, faz alguns *tests* e assina um contrato por 3 anos — tem, de facto, a sua carreira assegurada.

Resta-nos, apenas, desejar-lhe «good luck» — o nosso compatriota parte em Agosto para a Cinelândia! — e cumprir o seu desejo: dizer aos cinéfilos portugueses que Tomaz Alcaide os saúda afectuosamente — por intermédio de *Cine-Jornal*.

MARIO AUGUSTO



— É muito útil ver os filmes, bone ou mous, ainda que seja só para se saber o que se não deve fazer. Serão, por exemplo os artistas os únicos culpados dos erros que praticam? A crítica é por vezes demasiado severo para com eles e não devia limitar-se o apontar os defeitos, mas também o acentuar as cousas. Então verio que os artistas nem sempre são os mais responsáveis.

A segundo vez que falei com Carola Höhn foi na «matinée» de um teatro berlinense. Representou-se a primeiro peça de um autor pouco experiente, peça com boa intenção, mas do execução um tanto rudimentar. Para ouvir a opinião do gente de teatro, convidou vários artistas dos mais conhecidos que enchem, com o público desta «matinée» domingueiro, a vasto plateia do caso. Entre eles nota-se o perfil odorável de Carola Höhn. Vários colegas nem esperam pelo final. Levontam-se no primeiro intervalo e vão-se embora. Carola, porém, fica, e como um crítico lhe apontasse os defeitos do peça, ela contesta-lhe que também se deve ver o que o drama tem de bom.

É este conceito de imparcialidade e de justiça que caracterizo Carola Höhn, tanto no cinema como no vida privado. Ele próprio diz que foi sempre assim, desde criança. Nasceu em Bremerhaven, perto do mar, e foi ali que evidenciou, no teatrinho da escola, as primeiras propensões pelo teatro e pelo cinema. Dedicou-se, desde muito novo, à aprendizagem de línguas e ao estudo do arte dramático. Terminado o último ano de colégio, foi para Berlim onde Hans Junkermann, o popular artista, e Júlio Serdo, suo espôso, lhe ofereceram o primeiro oportunidade para recolher ensinamentos, que tão necessárias são para quem começa o carreira teatral. Pouco depois, representou o primeiro papel numa peça que fêz sucesso em Berlim. A Ufa contratou-o então para um pequeno papel no filme «Einmal cine grosse Dame sein» (Quero ser uma grande

domo), com Käthe von Nagy. Foi a sua primeiro octuação cinematográfico, e apesar-de modesto, marcou-lhe um lugar certo no cinema. Em seguido teve que contentor-se com outros papéis de pequeno envergadura em dois outros filmes, até que o Ufa lhe confiou o desempenho do protagonista no produção «Ferien von Ich». A este papel, que interpretou com tanto naturalidade e que foi um verdadeiro triunfo, deve Carola Höhn o contrato definitivo com a Ufa.

Actualmente está trabalhando nos filmagens de «Der Bettelstudent» (O Estudante Mendigo) em que interpreta um dos papéis principais junto com Mariko Röck e Joe Heesters, sob o direcção de Georg Jacoby.

Preguntei o Carola Höhn o que pensava do seu novo papel, com um sorriso, disse-nos:

— Escusada será dizer que estou muito contente com o desempenho que me confioram neste filme, pois como sabe o meu grande desejo de sempre era interpretar uma opereta, coisa que não consegui no teatro, mas consigo agora no cinema. Terci ocasião de contar os belos melodias de Millöcker e de fazer um papel que é alegre no fundo, mas que não deixa de ter os suas expressões sentimentais e bem humanos.

Quando lhe dissemos que o entrevistado que estávamos fazendo se destinava o um jornal de Portugal, Carola exclamou, entusiasmado:

— Olhe! digo aos leitores do seu jornal que, de todos os países do mundo, aquele que eu mais desejo tenho de visitar é Portugal, que conheço de tradição e que uma pessoa muito querido me diz ser um dos mais belos e pitorescos da Europa!

E com esta afirmação Carola Höhn deu por terminada o entrevista.

Berlim, Maio de 1936.

M. B. DE SANTOS E SILVA

(Em exclusivo para Cine-Jornal)



FALEI com ela duas vezes, por acaso, mas levei dessas duas curtos entrevistas as melhores e mais agradáveis das impressões.

A primeiro vez, foi num restaurante bávaro de Berlim. Carola jantava em companhia de uma pessoa de suas relações. Vestia com tanta simplicidade e modestia, que nenhum dos outros comensais viu nela uma das mais talentosas artistas do cinema alemão, intérprete incomparável do Princes Cressy, do filme «Königswolzer» (Valsa do Amor), do Jeannette de «Liebeslied» (Madrigal) e de vários outros papéis em filmes que o público recebeu com agrado.

Acerquei-me do mesa, cumprimentei e comecei logo por dizer que me admirava de a encontrar num restaurante tão popular. Carola sorriu-se e respondeu com a maior naturalidade:

— É que justamente aqui, num local tão frequentado, ninguém espero encontrar uma estréla de cinema.

Passámos algum tempo em agradável palestra. Carola contou que vinha justamente do cinema, onde fôra assistir à estreia de um filme em que não trabalhava. Acêrca desse filme, fêz os seus comentários, com muito diplomacia, tecendo os maiores elogios ao trabalho do «concorência».

A PSICOLOGIA DOS ESPECTADORES

E O CINEMA

UM cinema é um livro: pelas suas páginas, desde a bilheteira, passando pelo «hall» até à plateia, têm-se hábitos, conhecem-se

vidas. Se quiserem, os espectadores são as palavras. Dentro de cada um há preferências que são os seus significados próprios.

* * *

Observar a assistência é ler o livro. Porém, ler não basta — é preciso compreender. Tentemos...

* * *

Aquele marido que se sujeita a dois maus lugares, para ler um de coxia, onde sentar a esposa, é essencialmente desconfiado e ciumento. Reparem bem nele: pela maneira como sorri, para a consorte (ou com azar) poderemos saber se tem ciúmes por amor dela, ou por amor próprio. É que faz sua diferença...

* * *

É este que passeia os olhos pela planta? Deseja tirar a sorte um lugar bom, quer dizer: um lugar com boa companhia.

É fácil reconhecer isto, pelo nó da gravata e pelo bigode semeado em dia de vento... Mas, geralmente, fica sempre ao pé dum senhor velho, careca e com bigodes. Pouca sorte...

* * *

E notaram aquele rapaz que saiu da bicha, quando estava em terceiro lugar? É que ouviu dizer que já não havia os lugares baratos, que desejava.

* * *

Conhecem certamente aquele «cavalheiro simpático» que, na bicha, vai pedir a um amigo (e até a um desconhecido) que lhe compre as plateiazinhas.

De duas, uma: ou tem calos e, por isso, não se devia meter em apertos, ou, então, é malcriado.

De qualquer das maneiras, se um dia vos aparecer algum, indiquem-lhe o lugar competente e expliquem-lhe — não se esqueçam! — a razão do facto...

* * *

São três as classes de pagadores de programa. Uns pagam para dar; outros, para dar nas vistas; e ainda outros para dar a uma menina, sua amiga, que faz colecção. Só falta a classe dos que pagam para ler mas, em compensação, está-se criando a dos que pagam para sujar a sala...

* * *

Um amigo meu fez, durante muito tempo, observações estatísticas sobre o «fumo».

Verificou que, nos intervalos, quando há três senhoras a fumar no «hall», uma é inglesa, a segunda é de qualquer outra nacionalidade e a terceira tem origem ignorada. «Geralmente, diz ele, a última é a que deita mais fumo...»

* * *

De inverno, o facto de se ver um cavalheiro sentado na plateia, com o sobretudo molhado, pode significar muita coisa.

Primeiro: que adora as pneumonias. Segundo: que não quer dor de garganta no empregado do bengaleiro. Terceiro: que o sobretudo é bom e é da moda. Quarto: que o fato está um bocadinho aviado. Esta última significação é fatal, quando, no fim da estação, o so-

bretudo, mesmo sem ser molhado, teima em não sair do corpo.

* * *

Depois das luzes se apagarem não vejo quem chora, e só excepcionalmente

dou por quem ri. Porém, acontece às vezes estarem próximas de nós pessoas que vão contando o filme a uma alia velha» ou coisa semelhante.

E, nessa altura, como diria Vilor Hugo, chego à conclusão de que há



Quem pretenderá fuzilar Ginger Rogers, para ela se pôr em posição de «mãos ao ar»?! Certamente Fred Astaire, seu parceiro em «Follow the fleet», filme o que pertence este cena...

momentos no cinema em que os braços, fosse qual fosse a posição do corpo, deviam poder enfiar, pela cadeira abaixo, certas personagens com tendências para explicadores de quadros à vista.

* * *

Quando um casal entra tarde, marido muito separado da mulher, houve discussão lá em casa.

Se vem ela à frente tudo se traduziu num simples prato partido mas, no caso contrário, é uma tragédia mais comovente que se esboça.

E daí talvez não...

* * *

Antes do casamento, reparem bem nas preferências da vossa noiva e, depois, previnam-se.

Se gostar de Kal Hepburn podem juntar «pé de meia»: se der a preferência à Crawford vão-lhe mostrando a infantilidade da moda: se admira as «girls» fogem das praias — e vão morar junto dum quartel de bombeiros quando as «vamps» forem por ela muito estimuladas.

* * *

Naquele grupo disculem-se preferências — a rapariga da esquerda, que adora o Clark Gable, é uma apreciadora, disse-me, das «emoções fortes». O correspondente masculino é o admirador de Jean Harlow.

A senhora gorda, do meio, afirma que a Greta Garbo é deselegante, não tem estética, «parece uma lábum». A outra, magra, não a contraria mas vai afirmando que a Mãe West, com as suas formas redondas, é a criatura mais antipática do Universo.

* * *

Nos filmes musicais há sempre quem acompanhe baixinho qualquer canção. Dum modo geral, são pessoas a quem a família diz, lá em casa, que têm «uma voz: muito bonita».

* * *

Se as cadeiras dos cinemas exercessem medicina, leriam de recomendar, constantemente, aos espectadores, a abstinência de café. Há alguns que parecem o eter a vibrar!

Mas não nos devemos esquecer que é maior a função do eter do que a da manteiga...

* * *

Quem sai de casa com o livrinho na mão, para ler nos intervalos, não vê cinema, por mais que me digam, senão por desfastio.

Aquela cerzeia prévia de que o filme não lhe dará assunto para passar o intervalo é por demais significativa.

* * *

Já tenho visto espectadores que se torcem até ao «estado de parafuso» para não rir nos filmes cómicos.

Classificam-se de sério-estáticos e costumam ler o testamento feito, tiradas as medidas do caixão e alargada a porta do corredor, para sair aquele, no dia do funeral.

* * *

O cinema fechado já não é um livro. Perde, ao contrário do livro que se fecha, as ideias, as palavras, a alma das coisas.

Lá dentro, as cadeiras transformam a plateia numa equação, onde funcionam como incógnitos. Só à noite, com o espectador que vem ou com o espectador que nunca chega a vir, encontram a solução ou ficam igualadas a zero.

FERNANDO GARCIA

E cada oindo para se dizer adeus ao cinema, mos adivinno-se já, por detrás da cortina cinzenta d'êsto maio agreste, o cenário magnífico das férias.

Mais um mês decorrido, e sair de Lisboa, fugir à Cidade, será o ambição de todas nós.

Vão-se esboçando projectos, delincom-se itinerários, dá-se largos à fantasia. E tudo giro em tôrno do mesmo tema: o pequeno oásis das férias.

Há necessidade de mudar de ar, mos o que de preferência se procura é mudar de hábitos.

O homem da Cidade é um intoxicado. A falta de sol tornou-o pálido; o hábito mecanizo-o. Não tem tempo de olhar para o céu — nem para dentro do si. Blasono do livre e vive sob o império absoluta de S. M. o Relógio. É escravo da sua ocupação quotidiano e até dos seus prazeres. Entro o procurar o mesmo meso no mesmo café. Em converso com os amigos surpreende-se com o sensorio das suas próprios divagações.

Numa palavra, considera o vida insupera-

Os Limites da Cidade



não se acredito — realmente é fugir, mos do próprio sombra.

* * *

Sob êste aspecto, o mulher é muitas vezes má camarado... Entre três, encontram-se um que prefere o campo e o suo vida singelo; o água cristalino quo broto no fonte e se recolhe no mão em concho; o cheiro o resino e à roupa lavado das arcas; es poentes místicos, balsâmicos; os frutos sumarentos e o cozinho sádio, portugueso; o bizzarria das mercados; os côres berrantes das trojes compônias — tudo o que há para além dos limites da Cidade.

As outros preferem irresistivelmente o proio. E falam da beleza do mor, o lembram-se do casino e das «cock-tails». Apresentam umo argumentação cerrado o favor dos exercicios físicos, tão esquecidos durante o resto do ano... Vida ao ar livre! — exclamam triunfantes. Nadar é o desporto mais completo que existe! Mos no sub-consciente de cada uma há o «maillet» cora em que o corte é tudo e o pano quasi nado... (Há numerosas excepções, evidentemente).

O homem preciso de agitação, do lutar, mos gosto de soborear depois tranqüilamente o fruto do vitório. Faz «flirt» com «tôdas», mos vem o casar com «uma». E esso é sempre o mais sereno, o menos complicado, o que tem o filosofia de exigir do vida apenas o pouco do alegria quo elo passo vir o oferecer e do ante-mão encontro resignação para os horas difíceis, para o que não tem remédio, para os trabalhos que até debaixo dos pés se levantam...

* * *

Aqui vemos esta libélula, de riso franco, cheio de confiança em si próprio, tanto de sol, enfeitado pelo melopeio dos ondas que se quebram e quebram, entregando-se de braços abertos o um destino que ainda não conhece e que talvez não moreça afinal ser abraçado assim, com tanto entusiasmo.

E, ao lado, essa raparigo, que subiu à árvore, que procura um ninho...

ANTÓNIO DE CARVALHO NUNES



tôvel, só porque o enquadrrou nos quatro muros acanhados da Cidade.

Uma vez que se percebe do causo do mal, procura fugir, tento o evasão.

* * *

Mos fugir de Lisboa não é ver o aqueducto dos Águas Livres o «andar para trás»... É, antes, com um vigoroso golpe de machado, cortar os amarras do barco que se vai enchendo de limos por se demorar de mais nos águas estagnados do pôrto.

Fugir de Lisboa não é levar consigo o grafanola e as tangos doentias, o morado dos pessoas que nasceram para complicar o vida, os livros franceses de copo amarelo com titulos sugestivos, o assinatura do rã-visto portadora do bulício e do mal estar do mundo. Isso quando muito será um rapto; será arrastar o Cidade atrás de si.

Refugiar-se uma pessoa numa aldeia para passar tôdo a tarde à espera do jornal que lhe traz o câmbio do dia, o desenrolar dos acontecimentos no Bolívia ou o último greve em Espanha, e depois do jantar calculloriar os cinco quilómetros que o separam do vila mais próximo para se meter num barracão com campinha à porto e o loteiro que diz «cinema» — porquese não



**Uma opereta
que deu a volta
ao mundo**

com

**Jeannette
Mac Donald**

e

Nelson Eddy

AS DUAS MAIS LINDAS
VOZES DO CINEMA

REALIZAÇÃO DO MESTRE

W. S. VAN DYKE

Ar livre!

Encanto!

Poesia!

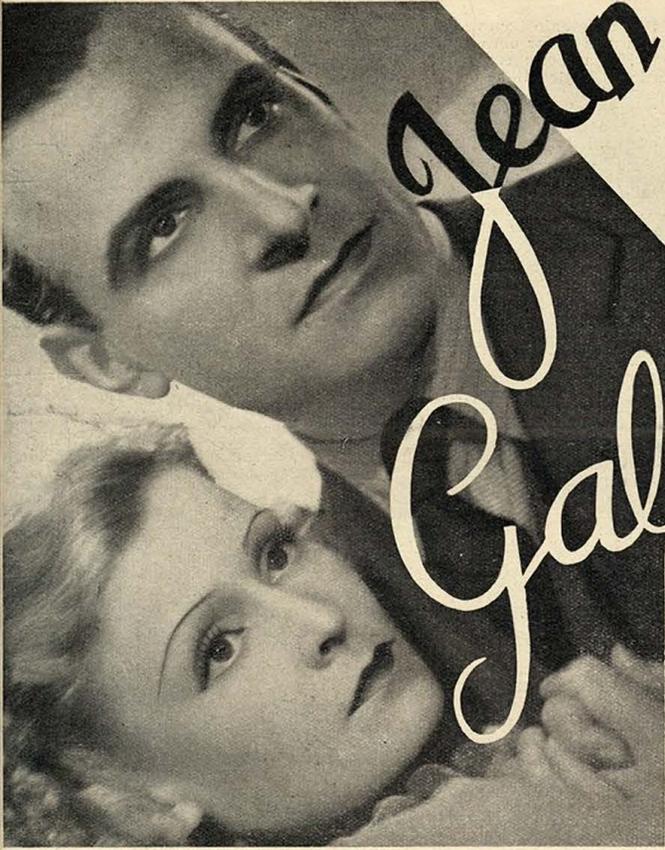
Danças guerreiras!

MELODIAS
DELICIOSAS

Uma opereta encantadora do ano máximo da Metro-Goldwyn-Mayer



Uma síntese admirável do TREVO DE 4 FOLHAS, o grande filme português que a SONARTE, L.^{da} vai apresentar, na próxima 2.^a feira, no Tivoli, e cuja estreia vem sendo aguardada com a maior ansiedade.



Jean Galland

demonstra a suas brilhantes faculdades histriônicas.

Parte, então, numa grande «tournée» para Nice.

Pela vez primeira, Jean Galland vê-se em frente dum público exigente, que conhece teatro e sabe criticar. Todavia Jean vence. Domina a plateia. Agita-lhe os nervos. E no final o ex-universitário, recebe os maiores aplausos que tem dado a frequência cosmopolita da pérola do Mediterrâneo.

Jean tinha vencido. O triunfo era seu.

Como é natural, o cinema sedu-lo. Em face ao seu êxito no palco, os estúdios dão-lhe guarida. Qualidades para a tela não lhe faltavam.

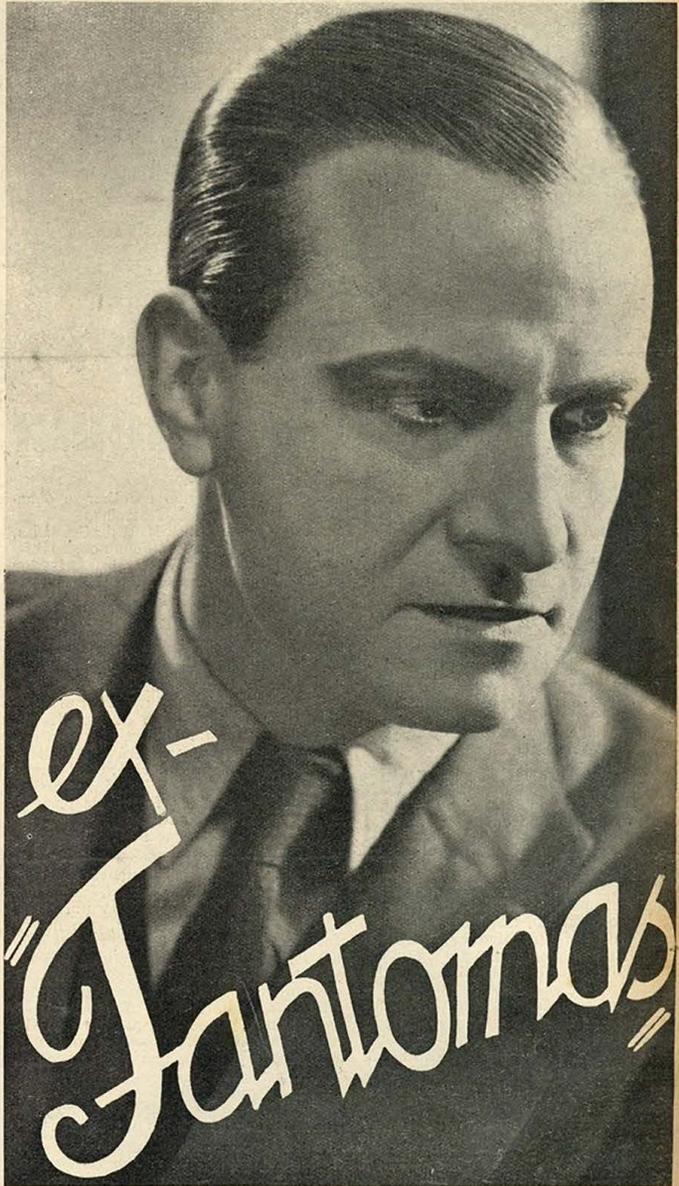
Alegre, comunicativo, boa figura e desportista em alto grau, os admiradores acorrem de tóda a Europa.

Em 1930, Jean estreia-se no filme *Paris la nuit*. Um papel apagado como experiência. Dadas as boas provas, dão-lhe outro lugar, ainda que modesto, na película de Raymond Bernard, *Les Croix de bois*. O exame estava feito com resultados excelentes. E Jean deixa de fazer papéis para arcar com a personagem famosa de *Fantomas*. Seguem-se filmes de grande envergadura onde Galland nos surge nas primeiras personagens, tais como: *Codp de feu à l'aube*, *Mater Dolorosa*, *Jugement de minuit* e outros.

E brevemente vamos ter ocasião de vê-lo no filme *Rosas Negras* ao lado de Lillian Harwey.

Assim triunfou Jean Galland!

ANTÔNIO FEIO



ex-Fantomas

UMA metralhadora alemã não tinha cessado fogo durante a noite.

Soldado francês que tentasse perseguir as linhas inimigas era, logo, varrido pela arma boche que, no seu natraquear enervante, espalhava o vapor nos valorosos franceses.

A situação era deveras crítica e insustentável.

Aquela maldita metralhadora... E todos se encolhiam no fundo da trincheira, maldizendo a guerra e cuspiendo lama que eram obrigados a morder, leitados no chão pastoso.

Um oficial surgiu. No rosto, notavelmente-lhe a decisão que antecipa os grandes actos.

— Preciso dum voluntário! Quem se oferece?

As praças entreolharam-se. Não podiam negar o medo pela morte. E de todos tinham noivas, mães, eram novos, ambicionavam viver...

Mas eis um que avança:

— Pronto, meu tenente!

O oficial fitou-o. Era um homem alto, forte, com olhos castanhos, onde se lia lealdade e a valentia.

— Como te chamas, rapaz?

— Jean Galland! retorquiu o voluntário com nobre aprumo.

— Nome de herói. Tens que ir fazer falar a metralhadora inimiga. Parte e és feliz.

Ele lá foi, levando no cérebro a ideia de esmagar a arma boche e no coração o amor pela sua França.

A metralhadora em breve se calou. O seu cantar infernal já não se ouvia a noite.

E Jean não voltou. Foi em vão que guardaram o seu regresso.

Mas quando os camaradas se uniam

num preito de sentida saúde pelo que havia sacrificado a vida na causa do bem comum, todos viram um corpo que, rastejando pelo solo, veio tombar, como massa inerte, no fundo do abrigo.

Jean Galland, o voluntário audacioso e jovem, regressara. Cumprira a sua missão e escapara-se das mãos inimigas, embora bastante ferido.

E foi assim que Jean recebeu a Legião de Honra, o maior orgulho de tóda a sua vida.

* * *

A paz voltou. Os homens pousaram as armas e regressaram aos seus trabalhos.

Jean retomou o lugar na universidade de Caen, onde estudava direito. No entanto, o seu sonho não estava na toga ou no fóro. A sua ambição era elevada e bela, porque apregoava arte. O antigo voluntário de 1917, sonhava com o teatro, conquanto a família não lhe suportasse tais ideias. Ou êle concluía a sua formatura ou os pais retiravam-lhe a mensalidade.

E Jean Galland escolheu o segundo caso. Viveria miseravelmente, mas tentaria construir as suas aspirações. Recusou o auxilio dos progenitores e lançou-se numa vida miserável, pejada de necessidade onde o teatro era o seu objectivo. Batalhou pela sua causa e venceu. Teve a felicidade de travar relações com um tal Bernard que lhe escreveu uma carta de apresentação para o mestre da cena Jacques Copeau. Este reconheceu-lhe qualidades. Incitou-o a trabalhar, apurou-lhe o gósto, ministrou-lhe ensinamentos de grande valia. E o novo actor aperfeiçoou-se a olhos vistos, alardeia o seu talento artístico,



Jane Hamilton, Maxime Jennings, Margaretta Mac Christel, Virginia Carroll e Preston Foster, iniciam um alegre cruzeiro de férias

direcção de Humberto Manso e supervisão de Arnóbio Lopes Ribeiro.

Mas uma maior obra, para este ano, tem H. da Costa em projecto: — «A Maria da Fonte», filme histórico lusitano, girado à volta dessa heroína popular, que será desempenhada por Dina Teresa, a já consagrada intérprete da «Severa». Esta produção será, também, realizada em Portugal, por António Lopes Ribeiro, sobre um argumento que o grande historiador e romancista Rocha Martins está escrevendo, de harmonia com o seu romance que tem o mesmo título.

Estas palavras são a mais evidente prova de que o Brasil se debruça sobre o nosso Cinema, satisfeito de lhe ouvir bater o coração, e da certeza de que ele não adormecerá, já não diremos sobre louros conquistados, mas, pelo menos, sobre ilusões perdidas...

Reciprocidade...

Acaba de morrer Madeleine Guilly, bela artista do cinema francês, o que vem lembrar uma frase sua, a que os jornais parisienses se referiram com pitorescos comentários.

Um dia, um admirador de Madeleine disse-lhe:

— «Acho-a tão bela e tão artista como Marlène Dietrich!»

E Madeleine, com um sorriso:

— Parece-lhe que Marlène lhe agradecerá que você lhe dissesse um dia! — Você é tão bela e tão artista como a Madeleine Guilly?».

O humorismo de Eddie

Há tempos, um pósto de rádio de Nova York, decerto mal informado, deu a notícia do falecimento de Eddie Cantor. Horas depois, a emissora em questão recebia o seguinte telegrama:

— «Como sei que esse pósto dá sempre informações exactas, não me atrevo a desmentir a notícia da minha morte.

«Apenas, lhes peço que me comuniquem os detalhes e de que doença

morri, para, de futuro, me precaver contra ela.

Deseja-lhes uma saúde à prova de emoções fortes, o

Eddie Cantor».

Rainhas de Beleza

Já repararam, decerto, que em Espanha surgem, diariamente, novas rainhas de beleza. E os jornais de actualidades projectam nos «cerans» de todo o mundo, os novos ídolos eleitos pelo bom gosto do povo espanhol.

Pois, há dias, em Paris, suicidou-se uma linda rapariga, por não ter conseguido triunfar num Concurso de beleza!

Ao lêr a notícia, um jornalista madrileno, comentou:

— Coitada! E pensarmos que se ela tem nascido em Espanha, não conseguia ter chegado aos 20 anos sem ter sido eleita «miss» por qualquer terra!...

Inveja...

Num café, falava-se de certa artista que, de ano para ano vai diminuindo a idade que diz ter.

A certa altura, um jornalista presente, disse:

— Eu não sei onde ela quere ir parar! Daqui a pouco diz que tem 15 anos!

— Isso não me surpreende, — respondeu outro. É que tencionava dedicar-se ao Cinema...

— E isso que tem?

— Que tem? É que anda invejosa da popularidade da Shirley Temple!...

Tudo cõr de rosa...

Falava-se da distribuição, no São Luiz, de óculos especiais de duas côres, para os «audioscópicos», quando alguém observou:

— Foi pena não terem feito, noutro dia, uma distribuição de óculos cõr de rosa!

— Para quê?

— Para se ver a acção das tropas italianas na Abissínia!...

ANIBAL NAZARÉ

À margem do cinema

VIDA Doméstica, importante revista brasileira, acaba de publicar um número especial, dedicado ao nosso país, no qual o Cinema Português figura com várias páginas de fotografias e algumas opiniões que nos interessa registar.

Sabido como é que o Brasil, não só comercialmente pode interessar ao nosso Cinema e aos nossos cineastas, não nos parece deslocado verificarmos como a Imprensa brasileira aprecia o actual momento cinematográfico português.

Sobre «Bocage», o articulista de Vida Doméstica escreve:

«Decidiu Leitão de Barros que o protagonista desse filme fôsse o actor Estêvão Amarante. As últimas notícias, porém, dizem-nos que aquele artista foi substituído pelo actor Raúl de Carvalho. Não sabemos até que ponto deseja ir o realizador da «Severa» com a escolha do protagonista de «Bocage». O famoso «Ilmano Sadino», da Arcádia, era baixo e magro, de olhar um tanto egasgado. Nenhum daqueles artistas tem o físico requerido para a figura de Manuel Maria Barbosa du Bocage. Se há necessidade de encontrar, somente, esse físico, entre os artistas teatrais portugueses, ninguém melhor do que Alfredo Ruas, que ainda há pouco, obteve retumbante êxito pela interpretação duma rábula, em que exhibia a excêntrica figura de Manuel Maria, numa revista levada à cena na capital lisboeta».

Sem querermos, de forma alguma, diminuir as respeitáveis opiniões de Vida Doméstica, parece-nos que, a escolher-se pela figura o artista a interpretar Bocage, também não seria Alfredo Ruas o tipo ideal...

Teríamos Assis Pacheco, Barroso Lopes, José David... E, se nos dão li-

cença, — porque não escolher-se o artista fora das hostes teatrais?

Isto, a discutirmos Raúl de Carvalho, que, aliás, está muito bem no papel.

Sobre projectos futuros do realizador de «Bocage», o jornalista brasileiro diz:

«Leitão de Barros pensa na realização duma nova película, «Varanda dos ruixinóis», cujo título provisório, será, naturalmente, substituído pelo de «A Bota de trapos», decorrendo a sua acção no meio desportivo de Portugal. O festejado realizador das «Pupilas», pensou, ainda, na realização de «A Vizinha do Lado». Este título lembra-nos uma comédia popularíssima. Será transformada, no Cinema, em opereta, com versos de Virginia Victorino. Estuda, também, Leitão de Barros, a forma de levar à tela uma lenda medieval, humorística, que espera enquadrar no esplendoroso cenário de Almourol».

Isto prova-nos, pelo menos, que as notícias chegam, por vezes, antes ao Brasil que a certos jornais portugueses... O Cinema Português, que nunca foi recebido com indiferença pelos nossos irmãos de Além-Mar, começa agora a interessá-los mais do que nunca. Corresponder a esse interesse, enviando-lhe uma produção que não só nos não envergonhe, como marque, para o Cinema Nacional, alguns passos em frente, é uma obrigação a que não podemos fugir...

Mais alguns períodos queremos resgatar da parte cinematográfica do citado número dedicado ao nosso país:

«Entretanto, H. da Costa, vai ao Brasil e firma contrato com Carmen Santos para a interpretação principal do filme musical luso-brasileiro «Quinze dias de felicidade», a realizar em conjunto com a «Brasil Vici Film», sob a



Wheeler e Woolsey, o «Banano» e o «Charuta», e a sua companheira... cinematográfica — Dorothy Lee

OS NOSSOS FILMES

UMA ilha perdida na imensidão azul do oceano Pacífico... Um grupo de raparigas indígenas, banha-se alegremente, nas águas tranqüilas-onde se reflete a verdura dos bosques... A água é límpida... Os corpos esculturais movem-se, gracios... Todas riem! São felizes como os povos simples!... Mas a mais bela é Lilleo...

Por entre os arbustos vizinhos, uns olhos cheios de desejo espreitam e sorriem antecipadamente, na esperança de uma boa presa... Admiram o delicioso espetáculo das banhistas desprevenidas, que mergulham na água cristalina... São os olhos de Mala, jovem guerreiro de uma ilha vizinha. Atrás dele, outros guerreiros apareceram, conduzidos pelo chefe... Caminham cautelosamente em busca de mulheres, que lhes escasseavam.

A um sinal do chefe, todos se precipitam, perseguindo cada um a jovem cujas formas mais o haviam tentado. Gritos, correrias, através do emaranhado da floresta, por onde as raparigas fogem espavoridas, ante tão inesperada aparição... Algumas resistem ferozmente, mordendo, arranhando... Outras, talvez tentadas pela aventura ou pelo poder do conquistador, rendem-se com mais facilidade. Mala e o chefe perseguem Lilleo. Mas esta, ligeira, consegue sumir-se na floresta... Ambos a procuram, cada um por seu lado...

* * *

Entretanto, os habitantes daquela ilha, apercebem-se de invasão. Soa o alarme e os perseguidores, a breve trecho, vêem-se perseguidos, e correm para a praia, a-fim-de se afastarem na sua barcaça... Mala ouve o apelo de partida dos seus, precisamente no momento em que conseguia alcançar, tremula de receio, palpitando toda pela aventura, a bela perseguida... Hesita. Irá renunciar, para se pôr a salvo, àquela presa tão bela, que apesar da obscuridade do seu cérebro, admira instantaneamente? Não. A tentação é demasiado forte. Dominando a sua vítima, para que não grite, resistindo à desesperada defesa da rapariga, prefere ocultar-se enquanto os seus companheiros abalam precipitadamente, na barcaça que os trouxera...

E, ao chegar a noite, silenciosamente, amordaçando Lilleo, Mala, rouba uma canoa, e parte sósinho com a companheira que escolheu...

* * *

Na sua ilha, onde só é chegado com uma mulher, o chefe pretende que Lilleo seja para ele. Mas Mala, invoca o seu direito de conquista, princípio sagrado da região, e leva Lilleo para a sua choupana, confiando-a aos cuidados de sua mãe... Quere que Lilleo se lhe não renda unicamente pela força... Pretende conquistá-la. E, para isso, envia os seus atavos das grandes ocasiões — colar de coral, a cabeça coroada por troféus das suas caças, grinalda de flores selvagens em torno do pescoço... E, perto da janela da choupana, onde ela está, entoa a sua canção guerreira, melopeia entrecortada, exaltando os seus feitos de grande caçador. Mas Lilleo desdenha essa serenata... Os outros indígenas troçam-no. Então Mala furioso, despoja-se dos seus adornos, e dirige-se para o mar na sua canoa, em busca dum inimigo, cuja derrota signifi-



O ULTIMO PAGÃO

fique alguma coisa aos olhos da Lilleo... A breve trecho, encontra um tubarão, e então Mala, mergulhando, luta, corpo a corpo, com o monstro, que traz para terra, vitoriosamente...

Lilleo não se encontra na aldeia... Partiu para a floresta, com Timmee, um garoto estouvado...

Mala corre em sua busca. E quando a vê, é alungido por um côco que do alto de uma árvore lhe atira o endiabrado garoto... A pancada é forte e Mala tomba por um momento, atordoado... Quando desperta, está nos braços de Lilleo, que apesar do seu fingido desdém não se pôde esquivar à atração daquele rapaz valente, musculoso, apaixonado... A situação é deliciosa para Mala, que finge a continuação do desmaio. Lilleo, aperebe-se e, mais uma vez, lhe foge desdenhosa... Mas, de súbito arremete um javali, e Lilleo refugia-se nos braços de Mala. E, daí em diante, será a companheira, fiel e submissa...

* * *

São felizes... A vida corre fácil, naquela Natureza pródiga, entre danças e cantares... Até que um dia surge no horizonte um barco, cuja aparição revolucionaria por completo a ilha... Todos os habitantes se dirigem nas suas canoas para o navio, levando frutos, flores, caça... Os do barco retribuem com bugigangas e artigos de fanecaria, que deslumbram os olhos dos indígenas... Vieram até ali em busca de homens fortes para trabalhar nas venenosas minas de fosfato, exploradas, numa ilha distante, por europeus...

E, depois de abundante distribuição de álcool, que faz perder a razão, en-

quanto os indígenas dançam e se divertem ruidosamente, no convés, no gabinete do capitão, discute-se um negócio escuro, entre o chefe da tribo e o capitão do navio... Em troca de uma série de bugigangas, o chefe fornecerá aos europeus um carregamento de trabalhadores, que sairão dali, ignorando o seu destino... E, movido por um ciúme alargo, o chefe indica também Mala, visto assim lhe ser mais fácil, apoderar-se da companheira.

Depois de um simulacro de contrato, que a rudeza do cérebro e os vapores do álcool, não deixam perceber o significado, o barco faz-se ao largo. Mala encontra-se no porão, dormindo entre várias dezenas de homens embrutecidos. A companheira fora-lhe levada para terra. Quando, por fim, tem a noção das coisas, Mala, revolta-se, tenta fugir, agredindo toda a tripulação. E põem-lhe grilhetas aos pés...

O trabalho, na mina, é um trabalho de forçados, contra a disciplina do qual é inútil tentar a revolta... E o tempo corre... Mala vive, com um único fito, um único pensamento, evadir-se, para se ir juntar, na sua ilha, à mulher que o prendeu...

No entanto, na ilha, o chefe prepara-se para o noivado com Lilleo que terá de se submeter.

* * *

Um dia, na mina, há uma explosão. Mala e um dos dirigentes brancos da exploração ficam soterrados, valorosamente, com sacrifício quasi da sua vida, Mala, consegue salvá-lo. Como prêmio, pela sua bravura, a empresa mineira promete trazer Lilleo para junto dele na próxima viagem...

Quando o barco passa pela ilha, para trazer Lilleo, o chefe protesta, visto Lilleo ser já sua esposa. E os homens do barco que não querem questões com os indígenas de quem precisam, renunciam a trazê-la... Já ao largo, apercebem-se de que ela está a bordo, e resolvem fechá-la quando chegarem à ilha da mina, para que ela não se junte a Mala.

Mas ao chegarem a terra Lilleo foge e junta-se ao seu amor, e os dois tem, nesse momento, a felicidade que alguns anos de afastamento tinham merecido.

* * *

A policia indigena, consegue prender Lilleo e levá-la para bordo, enquanto Mala se entrega à sua faina... Sobrevem um temporal horrível, como todos os dos Trópicos... As árvores são arrancadas pela raiz, as casas voam. O furacão desvasta tudo. Mala chega à sua choupana e não encontra a companheira... Chama-a por todos os lados, procura-a entre os destroços... E, finalmente, ao saber que Lilleo está no barco prestes a naufragar, dirige-se valorosamente para o cais, devastado, e consegue arrebatá-la à fúria das ondas...

Escondem-se os dois, durante a noite, e, ao raiar sereno da manhã seguinte Mala e Lilleo, abandonam aquela terra de miséria, num pequeno e frágil barquinho, entregues ao destino, em busca de uma ilha desconhecida, onde não tenham chegado ainda os brancos, com a sua civilização mais cruel e bárbara que a vida dos próprios selvagens e onde possam, sem invejar, ocultar entre a Natureza luxuriante a felicidade do seu amor indestrutível...

U. AZEVEIRO DIAS



Robert Taylor, o novo galã de Greta Garbo, em «A Dama das Camélias», o próximo filme do vedeto suéco, é, como se vê, querida das mulheres...

CARTA DO PORTO

O ambiente de apresentação de «O trevo de quatro fôlhas»

N O dia em que correrem impressos estes dizeres, estreia-se aqui, no São João, o fonofilm português «O Trevo de quatro fôlhas». Aqui e aí.

É curioso registar, pelo reconfortante animismo que representa, o ambiente público que envolve, em manifestações de curiosidade e carinho, a apresentação desta película.

Ilá interesse, curiosidade, satisfação e até ansiedade em apreciar a última produção nacional, resultante de tantos sonhos e ilusões, resultado de tantas animosidades e cancelas, reflexo nítido das necessidades contemporâneas.

Interesse da parte de quem seguido, a par e passo, a evolução do cinema nacional e procura vêr surgir, duma entidade de bases sólidas, forte e organizada, a arte do cinema português.

Curiosidade entre aqueles que têm sempre uma objeção a opôr, um defeito a anotar, no meio duma montanha de confortantes manifestações de trabalho criador.

Satisfação naqueles que compreendendo o inferno inconcebível que é a produção de um filme entre nós, sentindo todo o amargor silencioso dos almejados realizadores duma obra que depende de innumeráveis factores estranhos, sabem render culto ao esforço alheio.

Ansiedade da parte do público. O espectador anónimo que anima, que dá

vida, a todos os espectáculos, aguarda com invulgar frenesi essa estreia sensacional, não por que possua a prelecionista, a estulta vaidade critica, mas porque no seu anonimato, sabe vibrar com as produções portuguesas, sabe compreender todos os seus conflitos, que são as vibrações da sua alma, e compreende a língua que os intérpretes falam, porque é o idioma em que exterioriza todos os sentimentos efectivos.

É no meio destas correntes que se vai realizar a «première», de verdadeira gala, hoje no São João-Cine.

No meio do marulhar continuo de paixões que é o cinema na nossa terra, é digno de registo, de louvor e de aplauso, a atitude altamente simpática da massa desconhecida do público. Ele, por si, dentro do seu anonimato, simpático e respeitável, dá uma admirável lição, não só de compreensão nítida dos seus deveres, como do entusiasmo salutar que difunde, quando um espectáculo o interessa em toda a sua essência.

Aproveitável exemplo, dignificante atitude, que, qualquer que seja a opinião pública, depois de ver o filme, é um incentivo precioso para os que se lançam na louca temeridade de fazer vibrar a sentimentalidade do povo português com as manifestações do seu poder emolivo, com as filigranizações do se u sentido estético, com o desfibrar da suas almas de estetas, através das líras de celuloide que falam a nossa língua, que traduzem as vibrações do nosso coração.

Pelo menos é assim que no Porto se sente...

Há Crise ou pretencionismo?

Alguns empresários de alguns cinemas queixam-se de alguns filmes e de algum público, quando vêem as suas salas vazias.

Atribue-se à crise — nefando palavrão — as causas desse exódo. Parece-nos, e há muito temos arregida esta opinião, de que a crise nenhuma influência exerce no público, quando ãe tem a noção do que é a arte, ou, mais facilmente, quando compreende a necessidade de se divertir, de passar algumas horas, mais ou menos agradáveis, depois de um dia de labor insano.

O que existe na grande maioria do público português é um pretencionismo irritante, incongruente.

Quási todos os espectadores, a sua grande maioria, convenceram-se de que possuíam profundos conhecimentos da técnica cinematográfica, um aprimorado sentido analítico, e um formidável espirito de observação.

Dai, sempre que assistem a um espectáculo cinematográfico, falam de cátedra, e, geralmente são dum eclisismo desolador.

Resultado prático. Quási nunca descobrem qualquer mérito nos filmes correntes e muitas vezes apontam as qualidades como defeitos.

Ora como tôdas as opiniões são respeitáveis, mesmo as mais disparatadas, daí nenhum mal vinha ao mundo, se não fôsse a influência que exercem no espirito fraco do maior número.

É essa a grande razão, o maior motivo, do fracasso de algumas produções.

Porque, de resto, é certo e sabido que não há nenhum filmes que não possua qualidades suficientes para compensar o tempo e dinheiro gasto.

E, quando calhar, demonstrá-lo-ei com provas.

CARLOS MOREIRA

Confidências

duma noiva



«Um homem exige...»

O que é, na realidade, mais irresistível na mulher? Pode ela ter um corpo bonito, vestir bem, possuir um feitiço agradável, e saber governar bem uma casa — Mas se o rosto não fôr claro, aveludado e esplêndido, não terá, provavelmente, a sorte de poder mostrar tôdas as outras qualidades ao homem dos seus sonhos. Um homem é primeiramente atraído pelo rosto. Quando digo às minhas amigas quanto é, realmente, fácil ter uma pele fresca, branca e macia, parecem surpreendidas. De há muitos anos que eu confio sempre no Creme Tokalon, Cór Branca (não gorduroso). É branqueador, tónico e adstringente, sendo ao mesmo tempo absolutamente seguro. Suprime os poros dilatados, pontos negros e rugas de fadiga. Aclara e embranquea a pele mais fina e mais escura. Estou convencida de que o efeito embelezador deste Creme Tokalon, Cór Branca, ajudará tôda a mulher a conquistar o homem que ela deseja.

A venda em todos os bons estabelecimentos. Não encontrando, dirija-se à Agência Tokalon — 88, Rua da Assunção, Lisboa — que atende na volta do correio.

f é m i n a

A grande revista feminina portuguesa

—

Apresenta todas as sextas-feiras os mais recentes modelos de vestidos e de chapéus, tratando sempre de todos assuntos que interessam às Senhoras.

—

À VENDA EM TODO O PAÍS

—

24 páginas com muitas gravuras a cores — Capa a cores

Esc. 1350

As composições gráficas das páginas desta revista são de RAUL FARIA DA FONSECA

CINE-JORNAL

GRANDE SEMANÁRIO CINEMATOGRAFICO

Director: FERNANDO FRAGOSO
Editor: ALVARO MENDES SIMÕES

Propriedade da Sociedade de Revistas Gráficas, Lda

Redacção e Administração: T. da Cuvadas do Rio, 27
Telefone 2 1268 e 2 1277

Comp. Impressão e gravuras BERTRAND (Lisboa), Lda
Trav. da Coadete do Rio 17 — Lisboa

ASSINATURAS (pagamento adiantado)

PORTUGAL

52 números	1 ano	48500
25	6 meses	24500
12	3 meses	12500
Estrangeiro e Colónias, 52 num. 1 ano		65500

ROSIPOR,
OLY, YILDIZIENNE,

MIRABILIA, Etc.,
para póros dilatados, peles oleosas, secas, rugas, etc. — Produtos excelentes da

Academia Scientifica de Beleza

Av. da Liberdade, 35
Telf. 21866 LISBOA

MACANPOS

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

T A R Z A N

A Sociedade
Raul Lopes Freire

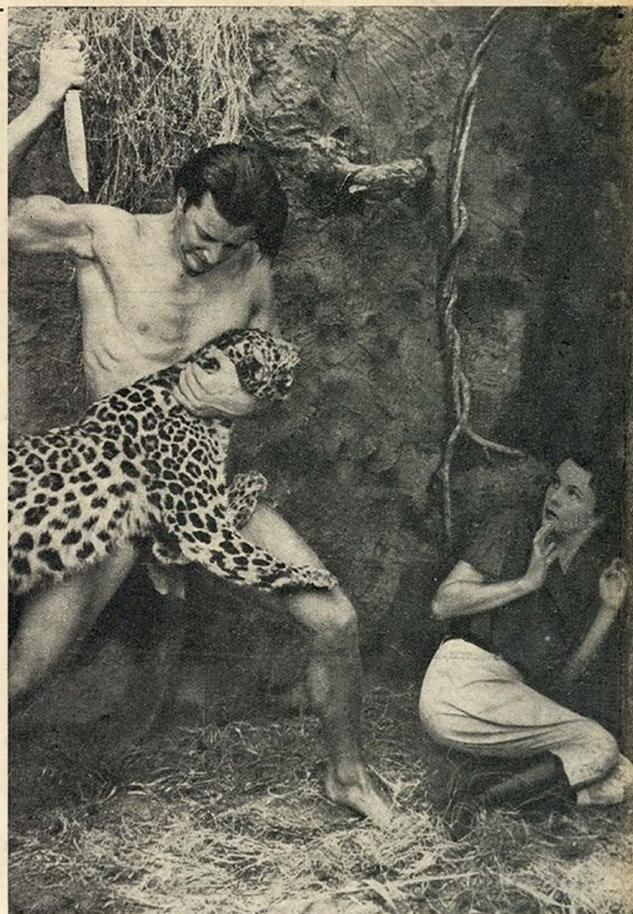
apresenta:

na próxima
2.ª feira, no

CENTRAL-CINEMA

■
Um dos maio-
res êxitos de
exibição em
todo o mundo!

■
O mais audacioso e emocionante es-
pectáculo da actualidade - Um dos
maiores rasgos do cinema - Ci-
nema puro num filme de
beleza pura - Movi-
mento! Acção!
Perigo!



A selva revelada sem truques -
Terríveis e empolgantes combates
entre homens e feras - Um misté-
rio que se desvenda através dos
mais extraordinários lances de
::: ::: ::: heroísmo ::: ::: :::

ESPANTOSA REALIZAÇÃO DE
Edward Kull e W. F. Mc. Gaugh

Formidável desempenho do valoroso atleta
HERMAN BRIX

Brilhante coadjução de ULA HOLT,
Frank Baker, Dale Walsh, Haray Er-
nest e Merrill Mac Cormick.



AS NOVAS AVEN- TURAS DE TARZAN

CINE-JORNAL

ANO 1.º — N.º 32 — 25 DE MAIO DE 1936 — SAI TODAS AS SEGUNDAS-FEIRAS — 16 PÁGINAS — PREÇO 1\$00



“CINE-JORNAL” É A MELHOR REVISTA PORTUGUESA DE CINEMA

